

Maria Antónia Jardim (Coord.)



*Crianças Índigo*  
*Novas Atitudes*  
*Pedagógicas*

2<sup>a</sup> Edição

## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Crianças Índigo - Novas Atitudes Pedagógicas

2ª Edição

COORDENADORA: Maria Antónia Jardim

© 2009 - Universidade Fernando Pessoa

EDIÇÃO:

edições UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto | Portugal

Tlf. +351 225 071 300 | Fax. +351 225 508 269

edicoes@ufp.pt | www.ufp.pt

CAPA: A. Sinai

COMPOSIÇÃO e IMPRESSÃO:

Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

IMPRESSÃO DA CAPA e ACABAMENTOS: Gráficos Reunidos, Lda.

DEPÓSITO LEGAL: 290206/09

ISBN: 978-989-643-028-3

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

## CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Crianças índigo : novas atitudes pedagógicas / coord. Maria Antónia Jardim. - 2ª ed. - Porto : Edições Universidade Fernando Pessoa, 2009. - 130 p. ; 21 cm  
ISBN 978-989-643-028-3

Crianças índigo--Pedagogia

CDU 159.923-053.2  
37.04

Maria Antónia Jardim (Coord.)

# Crianças Índigo Novas Atitudes Pedagógicas

2ª Edição

Porto - 2009

## *Prefácio*

O interesse pela vida mental das pessoas nunca foi tão grande quanto o da nossa época. As Ciências da Mente e do Comportamento transportam a responsabilidade de tentar satisfazer esse interesse. A tarefa não é fácil. A vida mental não se vê, não se toca e não se pode colocar numa balança. Sabemos que existe porque deixa traços nas nossas palavras e nas nossas vidas. O vocabulário mental de todos os povos é muito rico e procura descrever o que as pessoas sentem no seu interior. Um mundo em que as pessoas não tivessem sentimentos, ideias, pontos de vista, prazeres e cócegas seria muito diferente do que conhecemos. As palavras acompanham as experiências subjectivas.

Um primeiro sinal de que não é fácil identificar o que existe na mente e no comportamento revela-se na espantosa diversidade de palavras que existem para descrever estados mentais e acções. A colecção portuguesa inclui palavras como atenção, adrede, consciência, inconsciente, senciência e muitas outras. Os velhos Gregos descreviam a vida mental e aquilo que as pessoas faziam com palavras que o tempo olvidou. A colecção é igualmente vasta: *nous, phrenes, thymos, kardia, daimonis lyssa, psyche*. Alguém curioso pode formular perguntas incómodas a respeito destas duas colecções de palavras. Se os seres humanos são todos iguais, a que se deve esta diferença de esquemas de classificação dos estados mentais e dos comportamentos? Mais, qual a importância de existirem diferentes modos de categorizar essas realidades? O enigma para o qual apontam estas perguntas pode ser, porém, rapidamente equacionado. O que acontece quando descrevemos pessoas, estados de espírito ou comportamentos?

Estamos a descrever o que de facto existe ou estamos a traçar as linhas do nosso próprio rosto? Todas as categorias mentais são reféns desta perplexidade. As categorias mais vastas são difíceis de precisar. O que é uma “mente normal” por oposição a “mentes anormais”? Onde acaba a “inconsciência” e começa a “consciência”? Como se liga a atenção à memória e o cheiro de uma rosa ao som das ondas do mar? Este tipo de questões pode reiterar-se indefinidamente. As categorias mais pequenas têm os mesmos constrangimentos. Ninguém sabe quais são as frontei-

ras da “esquizofrenia” ou da “depressão”. É muito provável, aliás, que não existam doenças mentais no mundo. Estudos célebres sobre a evolução das categorias mentais e psiquiátricas ao longo dos séculos mostram que as definições não coincidem e que uma época não subscreve as categorias de outras épocas. Pense-se, por exemplo, na história da noção de loucura no Ocidente, tal como foi proposta por Michel Foucault na *História da Loucura na Época Clássica* ou ainda na denúncia que Thomas Szasz fez da própria noção de “doença mental” em livros célebres como *O mito da doença mental* ou *A Manufactura da loucura*.

É difícil encontrar as categorias mentais adequadas à realidade mental. O problema não é a falta de sucesso da procura de uma representação perfeita da vida mental. Talvez nunca se consiga essa representação perfeita. Deste ponto de vista, as Ciências da Mente e do Comportamento não são diferentes das Ciências Naturais. Procuramos desde os Gregos uma teoria final da realidade física e ainda não a descobrimos. Se não temos uma teoria final, as teorias que temos são erros adiados. O problema mais interessante com as teorias que não são a verdade total nem a falsidade total é o que fazer com elas. Cada época tem a respeito do seu passado o luxo da visão retrospectiva, todavia o que a vitrina da vida mineralizada nos mostra é que as pessoas não vivem excessivamente atormentadas com a verdade última das teorias e conceitos. De igual modo, não parecem viver incomodadas com a hipotética falsidade do edifício cultural com o qual habitam o mundo. As pessoas são muito pragmáticas: se têm à mão alguma teoria de algum autor e meia dúzia de conceitos, utilizam-nos como instrumentos úteis para dar sentido à vida. Como qualquer pessoa que tenha uma caixa de ferramentas na sua garagem sabe, enquanto a ferramenta não se partir vai sendo utilizada e, quando partir, é muito provável que nem sempre seja deitada fora. Continua na caixa de ferramentas como sempre esteve. Pois a vida da inteligência não é dissonante da vida de todos os dias; o que significa que as teorias são facilmente recrutadas e arregimentadas para o que for preciso.

De facto, temos um passado riquíssimo de utilização política de categorias erradas. A longa história dos sistemas de classificação mental tem momentos infelizes em que as noções foram utilizadas como armas de

domínio sobre classes de pessoas. Não esqueçamos as categorias oitocentistas de “degeneração mental” e “fraqueza de espírito” que estiveram na origem de medidas eugénicas hediondas como a esterilização forçada e o homicídio de doentes mentais durante o Terceiro Reich.

Perante isto, qualquer nova classificação que se proponha é acompanhada invariavelmente por muitos problemas. As categorias mentais podem degradar classes inteiras de indivíduos e podem lisonjear muitos outros. A aparente neutralidade das palavras utilizadas para descrever a mente humana esconde com mestria o seu papel na organização da realidade social. Todas as palavras que são utilizadas para descrever mentes e comportamentos favorecem alguém e prejudicam alguém. O mais provável é que as noções mentais e as categorias comportamentais sejam marcadores políticos do mundo, estabelecendo fronteiras entre as pessoas que possuem e não possuem poder.

Vem tudo isto a propósito do interessante sistema de classificação das crianças índigo.

Os estudos deste livro aceitam que no mundo existem crianças e adultos que se podem agrupar em categorias como a de “humanista”, “conceptual”, “artista” e “interdimensional”. O leitor ficará rapidamente atormentado com questões sobre a natureza última destas categorias. Quais são as provas científicas de que existem? Como garantir que estas categorias são pertinentes e não meras construções fantasiosas de alguns autores New Age?

Na história do conhecimento humano é difícil encontrar verdades absolutas. Porém, o que conhecemos do mundo deve-se em grande medida à investigação sobre coisas que não existem. A reflexão sobre a mente humana não é imune a este processo. Pode acontecer que as categorias índigo não sejam um mapa fiel para o mundo dos comportamentos e da infância. Colombo inspirou-se num erro para dar ao mundo a descoberta maravilhosa do Novo Mundo. As categorias índigo podem ser erros felizes deste tipo. Por um lado, não nos explicam por que razão os seres humanos têm de todo mentes quando poderiam ser corpos ponto a ponto iguais aos que existem sem que nenhum pensamento os atravessasse. Mas por outro lado, categorias índigo recortam o real de tal modo que o nosso

olhar selecciona aspectos que permaneceram invisíveis durante muitos séculos. Entre os problemas que continuam por explicar (a existência da vida mental, a relação entre o mental e o físico, a causalidade mental, as características da experiência subjectiva...) e os aspectos que aprendemos a ver melhor (a criatividade, a idiosincrasia das pessoas talentosas...) há um caminho estreito.

Talvez as categorias índigo tenham virtudes heurísticas que nos auxiliem a compreender aspectos da vida mental e comportamental que estiveram sempre fora da ciência.

A visão índigo do mundo é uma vasta reflexão sobre a origem da criatividade. Ninguém, de facto, sabe por que razão temos o privilégio de desobedecer às leis físicas para inventar uma ordem de objectos que a natureza não seria capaz de inventar.

A criatividade é isto: uma magnífica desobediência. De onde vem a estranha liberdade de desobedecer ao mundo?

Desde Platão até à reflexão sobre a criatividade dos matemáticos que foi feita por Roger Penrose, esta questão atormenta o Ocidente. Já se investigaram muitas localizações hipotéticas da origem da criatividade: educação, genes, sociedade, modelos, processos computacionais e muitos outros. A perplexidade continua. Platão, príncipe da Filosofia, identificou a criatividade com um acto de memória e de recordação. Para ele, inventar é recordar. Pode acontecer que as categorias índigo nos auxiliem a compreender um pouco mais este e muitos outros enigmas da condição humana.

Estou certo de que a visão índigo do mundo é uma poderosa fonte de inspiração para novas descobertas sobre a infância, a criatividade, os comportamentos, a imaginação e a estrutura da consciência humana. Sendo um contributo importante em língua portuguesa, este livro tem capítulos que estão cheios de sugestões para avanços significativos nos conhecimentos que temos destes assuntos. Saibamos todos tirar proveito da investigação que aqui se oferece.

ISBN: 978-989-643-028-3



---

Através deste livro facilmente o leitor vai perceber que a energia das crianças índigo vai obrigar a uma ruptura com antigas formas de ensinar. É uma energia que nos obriga a questionar as coisas, a mudar a forma como procedemos e até a forma de vivermos, com vista a uma alteração radical na expressão dos comportamentos humanos.

Maria Antónia Jardim  
Professora da Universidade Fernando Pessoa

Estou certo de que a visão índigo do mundo é uma poderosa fonte de inspiração para novas descobertas sobre a infância, a criatividade, os comportamentos, a imaginação e a estrutura da consciência humana. Sendo um contributo importante em língua portuguesa, este livro tem capítulos que estão cheios de sugestões para avanços significativos nos conhecimentos que temos destes assuntos. Saibamos todos tirar proveito da investigação que aqui se oferece.

Manuel Curado  
Professor da Universidade do Minho

---